

## A Calábria grega: expansão territorial da pólis de Lócris. apontamentos preliminares<sup>1</sup>

Maria Beatriz Borba Florenzano\*

FLORENZANO, M.B.B. A Calábria grega: expansão territorial da pólis de Lócris. apontamentos preliminares. *R. Museu Arq. Etn.* 38: 12-24 2022.

**Resumo:** O Ocidente mediterrânico, a partir do século VIII a.C., passou a receber levas de migrantes gregos dispostos a ali se instalarem permanentemente. Levados pela falta de terras agriculturáveis, por problemas políticos em seus locais de origem ou, ainda, pela busca de um modo de vida ligado à atividade comercial, esses grupos, por força, tiveram que estabelecer relações com os habitantes das localidades do Ocidente. Fundando assentamentos de vários tipos – uns mais permanentes, outros mais temporários –, os gregos tornaram-se parceiros de sicânios, sículos, samnitas, fenícios, enótrios e assim por diante em relações muitas vezes de agressão, mas em outras de convívio pacífico, de acomodação, de negociação. Nesse contexto, uma leva de migrantes da Lócrida da Grécia Balcânica chegou ao extremo sul da Península Itálica, pelo lado do mar Jônio, e fundaram uma nova Lócris no século VII a.C.: Lócris Epizefiri. Ao depararem-se com uma faixa costeira muito estreita, esses lócrios logo se aventuraram pelas montanhas do Aspromonte em direção ao mar Tirreno: ali encontraram uma planície muito fértil, onde fundaram dois novos assentamentos: Medma e Hipônio. Neste artigo, procuraremos mostrar o que a Arqueologia revela sobre como essas novas pólis na planície tirrênic de Gioia Tauro se constituíram, ampliando a área de influência de Lócris.

**Palavras-chave:** colonização; Lócris; expansão territorial; Calábria grega.

Quando estudamos a “civilização da Antiga Grécia”, as duas cidades que vêm imediatamente à mente são Atenas

\* Professora titular de Arqueologia Clássica no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. <florenza@usp.br>

<sup>1</sup> O conteúdo deste texto faz parte de pesquisa ainda em andamento sobre a Calábria meridional em época grega, que contou com recursos da Fapesp (Proc. n. 2018/09308-1) e do CNPq (Proc. n. 303005/2017-3). Apresentamos aqui alguns apontamentos preliminares; textos com outros resultados parciais da mesma pesquisa estão listados nas Referências bibliográficas. O tom coloquial de palestra foi mantido, ainda que tenham sido inseridas referências e uma ou outra observação.

e Esparta; em seguida, talvez alguém se lembre de Corinto ou de Tebas. São vieses da construção da historiografia sobre a Grécia antiga, caminhos percorridos por muitos séculos que ainda deixam suas marcas em muitos estudos e manuais sobre a Antiguidade.

Hoje, decidi falar sobre uma cidade tão grega quanto Atenas e Esparta e que também teve papel relevante e participação consistente na constituição do que vem sendo chamado de “civilização” grega. é a cidade de Lócris, localizada no Sul da Península Itálica.

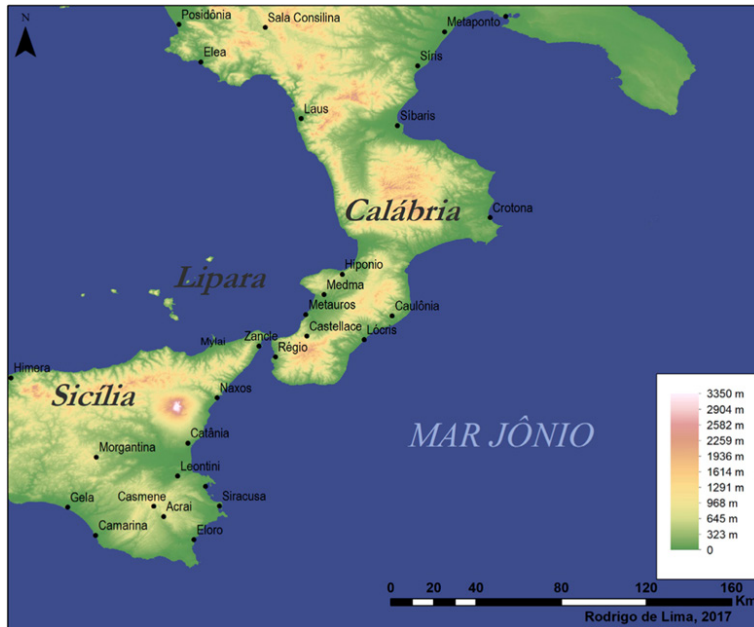


Fig. 1. Itália do Sul, com destaque para a Calábria.  
 Fonte: Rodrigo Lima, 2017.

Começo explicando que a fundação de Lócris está inserida no movimento denominado tradicionalmente de “colonização grega”<sup>2</sup> no

2 Mais uma vez, repito minha posição e, em grande medida, a posição dos pesquisadores do Laboratório temático de estudos sobre a cidade antiga (Labeca) sobre o emprego dos termos “colonização” e “colônia” à história da Grécia antiga. Na verdade, a propriedade de aplicá-los ao contexto de expansão grega no Mediterrâneo ocidental a partir do século VIII a.C. vem sendo debatida intensamente por historiadores e arqueólogos desde o final do século XX. Questiona-se a confusão que pode ocorrer entre colonização grega e colonização moderna e contemporânea. Nessas últimas, os laços entre metrópole e colônia são de dominação e controle, ao passo que entre os gregos eram apenas de identidade, mantendo-se a total independência entre metrópole e colônia. Outro ponto do debate concerne ao questionamento da existência de fundações pontuais por parte de expedições organizadas por cidades dos Balcãs, propondo-se uma expansão gradual, com durações prolongadas, alegando-se que os relatos de fundações (as *ktísis*) foram criados posteriormente como forma de legitimação identitária desses novos assentamentos. O debate é longo e a bibliografia é enorme. Nossa posição é contrária especificamente a esse revisionismo, já que as fontes tanto materiais quanto textuais sobre esse processo são abundantes e, nos parece, permitem reiterar a posição mais tradicional. Parece-nos que o debate está criado pelo emprego de uma palavra: “colônia”. Talvez, em nosso contexto histórico brasileiro, esse seja um termo bastante carregado de significados e que, em um manual para estudantes (dos vários níveis), pode ser matizado,

Ocidente do Mediterrâneo, que adquiriu vigor a partir do século VIII a.C.<sup>3</sup> com diversas expedições que promoveram a fundação de inúmeras apoikias.<sup>4</sup> Essas apoikias são diferentes daquelas cidades da Grécia Balcânica, cuja ocupação por grupos de gregos remetia à Idade do Bronze; diferentes no sentido de que são fundações helênicas *ex-novo*, muitas vezes sobre ou em conjunto com assentamentos de populações não gregas.

Essa movimentação de gregos em direção ao Ocidente mediterrânico a partir do século IX-VIII vem sendo muito estudada por historiadores e, sobretudo, por arqueólogos nas últimas décadas. Pode-se dizer que a natureza dessa mobilidade de gregos pelo Mediterrâneo estava diretamente relacionada

definido ou substituído por, por exemplo, expansão grega. Nossa percepção acompanha em todos os pontos o posicionamento de Irad Malkin (2016).

3 Todas as datas devem ser entendidas como a.C.

4 O significado dos termos vernacularizados deve ser consultado no Glossário Labeca em [www.labeca.mae.usp.br](http://www.labeca.mae.usp.br)

à própria estrutura organizacional que tomava corpo na Península Balcânica e, em geral, no Egeu: a formação da pólis. A fragmentação do mundo grego em unidades autônomas, espalhadas, como *formigas e sapos em volta de uma lagoa* (Platão, *Fédon*, 109b), tem uma contrapartida na mobilidade, na criação de redes que se sobrepõem às próprias pólis e que acabam dando unidade a esse mundo grego multifacetado e “misto”, como o define Will (1955). O embasamento dessa estrutura organizacional na posse de territórios e a competição que se instala entre as diferentes pólis funcionam como motor para a mobilidade e a expansão constatadas nessa época.

Se, como bem ficou explicado pelo professor Norberto Guarinello neste evento<sup>5</sup>, podemos enxergar as terras que circundam o Mediterrâneo e o próprio mar como uma área que compartilha um sem-número de traços geográficos e culturais, no detalhe, na filigrana, podemos também encontrar complexidade e diversidade extraordinárias e fascinantes – diversidades essas geradas a respostas a situações locais específicas de contato com populações não helênicas (no caso dos gregos), relacionadas à geografia etc. Na Antiguidade, e acredito que mesmo hoje em dia, o espaço do Mediterrâneo se caracteriza pelo ir e vir entre o que é geral e o que é local. Daí o título tão apropriado deste colóquio: “Unidade e diversidade no Mediterrâneo”. Acredito que essa seja uma chave de interpretação fundamental para a melhor compreensão da Antiguidade na região, e é a partir desse quadro amplo que pretendo apresentar a apoikia helênica de Lócris.

De acordo com Estrabão (6.1.7), Lócris Epizefirii foi fundada pelo oikista Euanthes, por lócrios provindos da Lócris grega, na Península Balcânica. Entretanto, os lócrios residiam em duas regiões da Fócida: uma mais ocidental, defronte à ilha da Eubéia, e outra mais oriental – Lócris Ozolia –, no golfo de Crisa. Desde a antiguidade, existe um debate

sobre qual das Lócris é responsável por fundar Lócris Epizefirii, na Península Itálica. Eforo entendia que os responsáveis seriam os lócrios orientais (Epicnemidas), enquanto Estrabão afirmava serem os lócrios ocidentais. Mais adiante, veremos como esse fato nos interessa em relação à organização do território em associação a uma rede eubéia de fundação (Cordano 1986; Fischer-Hansen; Nielsen; Ampolo 2004; Guzzo 2011; Musti 1977; Osanna 1992). De acordo com Musti (1977), a polêmica é vencida pela análise de outra documentação sobre a estruturação institucional da apoikia, que revela traços das duas Lócris Balcânicas.

A datação mais aceita para a fundação é durante o primeiro quartel do século VII a.C., obtida pela combinação de fontes textuais e dados da arqueologia: 673/2 segundo Eusebio ou 679/8 para Jerônimo (Cordano 1986: 28), ou ainda 700 a.C. conforme dados de achados contextualizados de cerâmica (Mercuri 2012)<sup>6</sup>.

De toda forma, é fundamental observar que os eubeus (que eram vizinhos dos lócrios na Península Balcânica) já estavam instalados no estreito entre a Sicília e a Península Itálica ao menos cinquenta anos antes da fundação de Lócris, mantendo uma rede de ocupação e influência no litoral tirrênico e na própria Sicília. Na verdade, tudo indica que a fundação de Lócris também fez parte dos interesses eubeus no Ocidente mediterrânico (Dominguez Monedero 2014). Tratava-se de reforçar o apoio à movimentação eubéia na área, expandir o controle e a proteção do estreito em vista das instalações aqueias no Golfo de Tarento, como Crotona e mesmo Sibaris.

Crotona, por exemplo, fora estabelecida em torno de 709-708 a.C. a aproximadamente

6 Sobre Lócris, é preciso dizer que a bibliografia mais atualizada reelabora as interpretações a partir das escavações empreendidas por Sabbione e Barra Bagnasco. Mais recentemente, é preciso ainda considerar as escavações de Visonà (Universidade de Kentucky), Lin Foxhall (Universidade de Cambridge e Liverpool) e Giuseppe Cordiano (Universidade de Siena). Chamamos também a atenção para as *Atas do 16º Congresso de Estudos sobre a Magna Grécia: Locri Epizefirii* (Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia 1977) e para o trabalho de Laurence Mercuri (2004) sobre a presença eubeia na Calábria. Referências mais completas podem ser encontradas em Florenzano (2019, 2022).

5 I Colóquio Online do LEIR-MA/USP. *Unidade e Diversidade das Cidades Mediterrânicas*. 22 e 29 de setembro de 2020

120 quilômetros (em voo de pássaro) do território onde foi fundada Lócris. As fontes escritas indicam que Crotona fundou Caulonia a aproximadamente 70 quilômetros ainda mais ao sul (Estrabão 6.1.10), buscando se defender em relação à fundação de Lócris.

São, portanto, redes identitárias diferentes, mesmo que todas helênicas, em permanente competição, buscando o controle de novos territórios no Ocidente mediterrânico: aqueus, eubeus/calcídios e dórios. Competição que, em nosso entender, é estruturante do novo mundo – o da pólis – que está se fundando no arcaísmo<sup>7</sup>.

Inicialmente, os lócrios teriam se assentado no promontório Zefírio, atual cabo Bruzzano, que segundo Estrabão (6.1.7) “possuía um porto... protegido dos ventos ocidentais”. Com efeito, o promontório Zefírio é o “traço paisagístico mais evidente no trecho meridional da costa jônica” (Guzzo 2011: 268). As fontes textuais lembram a relevância dessa região na navegação entre a Grécia e a Sicília: segundo Estrabão (6.2.4), ali instalaram-se dórios e jônios que se separaram dos fundadores de Leontinoi na Sicília (Mercuri 2012) e, ainda, dórios que já estavam assentados no promontório anteriormente e que teriam sido recolhidos por Arquias em seu trajeto para fundar Siracusa, também na Sicília (meados do século VIII).

Segundo Osanna (1992), a memória do cabo Bruzzano como ponto nodal na navegação do mar Jônico é mantida em inúmeras fontes textuais. Alguns autores acreditam que essa memória tão consolidada nas rotas gregas e eubeias/dórias pode significar que ali estivesse instalado um empório – entreposto franco – que também permitisse contato com os indígenas<sup>8</sup> e fosse uma entrada para o interior

7 Todas as fontes textuais sobre a fundação e a estruturação institucional da apoikia de Lócris são analisadas sistematicamente por Musti (1977). Com relação às fontes materiais, é preciso dizer que a Lócris moderna não se sobrepôs à antiga; portanto, depois de localizada, a cidade antiga passou por várias fases de escavações arqueológicas. A Lócris moderna é hoje um dos centros de ação da máfia calabresa, a ‘Ndrangheta.

8 Indígenas é o termo empregado tradicionalmente pela bibliografia para designar as populações locais, não gregas, no momento da chegada desses últimos ao

da Calábria (Osanna 1992; Sabbione 1982). Porém, não há documentação material que confirme essa hipótese (Mercuri 2012).

Na análise topográfica empreendida por Osanna (1992), a área do cabo Zefírio não se apresentava como muito adequada para uma instalação estável; mesmo assim, tinha ao Norte uma ampla enseada onde desembocava o ribeirão Laverde. Ainda de acordo com o mesmo passo de Estrabão, depois de três ou quatro anos, os lócrios teriam saído dessa localidade e se reassentado em uma pequena colina chamada Esopis, 20 quilômetros mais ao Norte. Para essa instalação, tiveram que negociar com os sículos, que já habitavam o local, firmando um acordo de serem amistosos no compartilhamento de terras – acordo, naturalmente, burlado pelos gregos segundo o próprio Estrabão.

De toda forma, a falta de material arqueológico na área impede a confirmação, e o episódio de traição dos gregos em relação aos indígenas pode bem se referir à instalação dos lócrios em Esopis.

Para o foco desta comunicação – a expansão territorial de tal apoikia –, interessa-nos marcar a situação geográfica e topográfica do assentamento mais permanente na colina de Esopis. O lugar escolhido está no extremo meridional da Calábria (podemos mesmo dizer que é a fundação mais meridional de gregos na Península Itálica) e, sem contar a apoikia de Régio (que está no estreito entre o mar Jônio e o Tirreno), é a cidade grega mais próxima da Sicília (FIG. 1). Com efeito, não poucas vezes na história Lócris preferiu aliar-se aos gregos siceliotas, seja contra outros gregos na Península Itálica, seja contra cidades gregas poderosas da Península Balcânica, como a própria Atenas.

Nessa posição, Lócris, seguindo um traço comum às pólis gregas, disputou espaço com suas vizinhas mais próximas, inicialmente com

Ocidente. Entendemos que não vale a pena trocar uma terminologia consagrada – ainda que incorreta –, pois perde-se muita energia em debates infrutíferos sobre conceitos e termos que poderia estar sendo empregada no aprofundamento do conhecimento. Vide nota 2 sobre os questionamentos do emprego do termo “colonização” na história da Grécia antiga.

Crotona e, um século depois de sua instalação, com Régio, mesmo sendo esta uma fundação eubéia. Por vezes resultando em alianças, outras em conflitos, a rivalidade pelo controle de territórios foi sempre recorrente, sobretudo à medida que cada apoikia se consolidava em uma área.

De acordo com pesquisas realizadas no Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca) do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), o controle sobre territórios amplos – que ultrapassassem os limites do primeiro assentamento mais densamente povoado e amuralhado –, sobretudo nas cidades gregas do Ocidente, era um traço fundamental do próprio caráter, da natureza desses helenos, que estavam estruturando essa forma de viver em pólis depois da Idade do Ferro, no Período Arcaico. Podemos dizer que o controle sobre territórios situados além do circuito amuralhado foi um aspecto típico dos gregos à época.

Note-se que nessas apoikias, ainda que as expedições contassem com poucos indivíduos, logo se procurava ocupar um território maior do que as necessidades imediatas de acomodação de famílias, de subsistência ou de domínio de rotas de circulação de bens ou de procura de matéria-prima. Nos assentamentos iniciais, buscava-se de início uma maneira de demarcar os limites da ocupação, o que podia se dar por meio de muralhas ou pela instalação de localidades sagradas, digamos, incorporadoras de energias protetivas, mesmo que grandes espaços no interior desses limites permanecessem vazios de ocupação por largos períodos de tempo.

Tal prática que identificamos em apoikias como Siracusa (Florenzano 2018), Metaponto (Carter 1994), Megara Hibleia e outras ocidentais regeu, em nosso entender, a expansão territorial de Lócris.

O assentamento definitivo de Lócris, na pequena elevação de Esopis, ocupava uma planície litorânea estreita e alongada entre Rocella Jônica (situada entre os rios Torbido e Allaro) e o cabo Bruzzano. Todo o litoral jônico da Calábria está configurado por planícies que se abrem entre os vários promontórios (que chegam até o mar) construídos pelas

cadeias montanhosas da região; são essas planícies que foram aproveitadas pelos gregos para a instalação de suas apoikias, como ocorreu com Sibaris, Crotona, Caulônia e Lócris.

A planície de Lócris, no entanto, não pode ser comparada à das colônias aqueias mais antigas, como Crotona ou Sibaris, que tinham áreas amplas e muito mais adequadas à expansão agrícola e territorial. mesmo assim, a área de Lócris compreendia 110 quilômetros quadrados e apresentava condições de cultivo, sobretudo para vinha e oliveira, com maiores restrições para cereais (Osanna 1992). Todo esse território onde os lócrios se instalaram era cortado por vários rios e ribeirões paralelos, que desembocavam entre morros e montanhas no mar Jônio.

A área urbana da apoikia ocupava uma parte mais restrita da planície, entre os rios Portigliola ao Sul e Gerace ao Norte. As cadeias montanhosas situadas às costas do assentamento em direção ao interior (cadeia Sila, integrante do Aspromonte) atingem altitudes entre 850 e 1.100 metros (Osanna 1992). De acordo com Osanna, no caso da apoikia de Lócris, “estamos diante de um território um tanto alongado decididamente comprimido por relevos abruptos que condicionam definitivamente a possibilidade de extensão em direção ao interior” (1992: 213-214). Isso significa dizer que, em comparação com outras apoikias, Lócris estava assentada em um ponto geográfico com restrições agrícolas e limites de relevo que dificultavam a expansão territorial na hinterlândia.

Organizada nessa faixa litorânea, a planta urbana de Lócris mostra como santuários foram logo construídos ao redor de uma área ampla: Mannella, Marasà, Marafioti e Perapezza. mais tarde, em meados do século VI, esses santuários foram incorporados ou englobados por uma poderosa muralha.

Uma vez instalados, os lócrios procuraram consolidar sua posição no terreno, marcando o território na hinterlândia imediata para além dos muros construídos no século VI. Essa busca de Lócris pela expansão territorial interna diferenciava-se de outras tantas fundações gregas, mais preocupadas com o controle de portos e do mar.

As análises sobre o território de Lócris indicam que, em época clássica, a área sob influência dessa apoikia devia estender-se ao Sul até o rio Halex (hoje rio Palizzi), o qual, se supõe, marcava o limite meridional do domínio lócrio em relação a Régio, apoikia calcídica instalada

no estreito entre a Calábria e a Sicília. Ao Norte, seus limites com a pólis grega de Caulônia (fundada posteriormente por Crotona) eram marcados pelo rio Sagra, identificado como correspondente aos atuais rios Allaro ou Torbido (Fischer-Hansen, Nielsen; Ampolo 2004).



Fig. 2. Mapa com detalhamento da posição de Lócris e de sua hinterlândia.

Fonte: Rodrigo Araújo Lima.

À época da fundação, a escolha da colina de Esopis e do litoral deve ter seguido o conhecimento que os eubeus já tinham da região, pois dados arqueológicos obtidos nas escavações do grande pesquisador italiano Paolo Orsi desde o início do século XX mostram uma presença grega relevante, que remonta a um período anterior à fundação da apoikia, melhor dizendo, à metade do século VIII. Trata-se do registro de material arqueológico encontrado nas necrópoles de Canale Ianchina, situadas quatro quilômetros ao norte da apoikia de Lócris. Ali foram identificados mais de cem vasos cerâmicos de estilo italo-geométrico, que remete aos vasos produzidos no assentamento grego de Pithecusa e

em Pontecagnano (na Campânia), de influência nitidamente eubeia. Segundo Mercuri (2004, 2012), a cerâmica sícula do século VIII a.C. da área que posteriormente seria ocupada pela apoikia de Lócris é testemunha de uma síntese de traços estilísticos gregos e locais (Guzzo 2011)<sup>9</sup>.

Que papel Canale Ianchina teria desempenhado na rede eubeia de contatos estando fora do litoral, nas montanhas? Pode ter sido um empório, recebendo bens do Mediterrâneo

9 Sobre essa cerâmica, deve-se consultar o estudo muito aprofundado de Mercuri publicado em 2004 e seu resumo, que integra as Atas do 50º Congresso de estudos sobre a Magna Grécia (Mercuri 2012).

oriental e eventualmente distribuindo-os pela hinterlândia da Calábria; ou, mais provavelmente, pode ter servido como ponto de apoio dos eubeus na recepção de bens vindos da hinterlândia. É possível pensar em um empório grego?

O fato é que, nesse sítio, registra-se o completo abandono das necrópoles a partir do segundo quartel do século VII a.C., portanto, a partir do momento ou logo em seguida à fundação de Lócris na área. Por outro lado, dois centros indígenas continuam a funcionar em área lócrica mais próxima ao rio Tórbido, ao norte em relação à apoiíia: Stefanelli di Gerace e Santo Stefano di Grotteria (Mercuri 2010; Osanna 1992). Não temos como saber se a população sícula de Ianchina teria se recolhido a esses núcleos ou se foi subjugada. As referências esparsas nas fontes escritas que temos à disposição levam a crer que, em muitas situações, os gregos tiveram condições de subjugar uma parte dos indígenas, escravizando-os e usando-os como mão de obra (D'Ercole 2012; Guzzo 2011)

Na interpretação de Sabbione:

*[...] os lócrios tendo eliminado exemplarmente o centro indígena de Ianchina, pouparam aquele de Stefanelli que evidentemente não representava um perigo, distando apenas alguns quilômetros a mais da pólis (Sabbione 1982: 295).*

Em Stefanelli Gerace, a necrópole pode ser datada, pelo mobiliário cerâmico indígena e grego dos enterramentos, como sendo dos séculos VIII e VII. De toda forma, a datação da cerâmica grega é mais recente do que aquela de Canale Ianchina (Osanna 1992), o que pode significar que sua origem veio somente com a fundação de Lócris e, portanto, houve negociação com os indígenas. Em Grotteria e outros sítios caracterizados como indígenas nas vizinhanças do núcleo urbano de Lócris, também é registrada a presença de material indígena misturado ao material grego de influência lócrica e com datações de a partir do século VII a.C. Portanto, todos esses são sítios de indígenas que conviviam com os novos *ápoikos* durante os dois séculos iniciais.

O movimento de controle sobre os indígenas e o desaparecimento de Canale Ianchina indicam como os lócrios preparavam-se para atravessar as montanhas da Sila visando a expansão territorial em direção ao Tirreno. Lembremos que, ao Norte, tinham os limites impostos por Crotona e, quarenta quilômetros ao Sul, Régio tratava de consolidar uma área de influência. Restava atravessar as montanhas para chegar ao Tirreno, cujo litoral ainda era pouco ocupado por gregos.

Os dados arqueológicos de Canale Ianchina somados a explorações arqueológicas em sítios isolados e, ainda, ao achado de material disperso pela hinterlândia montanhosa às costas do núcleo urbano inicialmente estruturado pelos lócrios demonstram que, no transcorrer do século VII, esses gregos procuraram estender territorialmente sua área de influência. Valeram-se, para tanto, de todo o sistema hidrográfico composto por inúmeros rios e ribeirões cujas nascentes estavam no topo das cadeias montanhosas. Ali também ficavam as nascentes dos rios e de seus afluentes que desciam do outro lado do Aspromonte, em direção ao Tirreno. Todo esse sistema, acompanhado de várias passagens nas montanhas, permitia de um modo ou de outro a chegada ao litoral tirrênico, à altura da planície de Gioia Tauro. Essa fértil região já era “monitorada” por Régio desde meados do século VII, com abundante material arqueológico escavado em Metauros, ao sul da planície, que evidencia o contato eubeu e indígena nesse assentamento. Parece que muitas dessas vias nas montanhas já vinham sendo percorridas pelos indígenas desde ao menos a Idade do Ferro (Burgio 2005; Florenzano 2022; Givigliano 1978).

O percurso entre Lócris e o Tirreno através das montanhas tem em torno de 50 quilômetros, distância que pode ser percorrida em um dia (Settis 1972). Pelas estradas atuais da região, os achados de material grego de época arcaica e clássica é uma constante. Givigliano (1994) propõe um sistema de vias em espinha de peixe: uma estrutura na crista do Aspromonte, com vias perpendiculares descendo em direção ao litoral jônico e ao litoral tirrênico. Segundo Barra Bagnasco (1984), a estrada que une a cidade moderna de Lócris a Cittanuova e a Taurianova,

nas montanhas, atravessa o Aspromonte na altura do passo Mercante (952 metros acima do nível do mar). Outro ponto de passagem seria o passo Limina (888 m anm); aqui, o percurso moderno sai de Gioiosa Ionica. Nesse trajeto, Sabbione (1977) encontrou testemunhos de instalações gregas de residências em Santa Barbara Mammola (Osanna 1992).

Mais ao Sul, na área do Dossone della Melià, a Universidade de Kentucky realizou escavações em três sítios claramente militares: Contrada Palazzo, Cocolédi e Bregartorto. A estrutura montanhosa de Dossone della Melià é justamente uma crista configurada como vários tabuleiros relativamente planos, com altitudes que vão de 800 m a 1000 m. Unia duas cadeias montanhosas – Aspromonte e Serre – e durante toda a antiguidade serviu como via de comunicação e de movimentação de populações. Alguns autores a definem como um “estreito istmo na montanha” (Raso 1987: 81). O Passo Mercante, passagem que conectava o lado jônico da Calábria à planície de Gioia Tauro, ficava justamente nesse Dossone e foi onde os sítios de Contrada Palazzo, Cocolédi e Bregartorto foram escavados (Visonà 2016).

Nesses três sítios, foram encontradas estruturas de ocupação datadas claramente entre o final do período arcaico e o do clássico (Visonà 2016). São sítios que estão, portanto, na rota entre Lócris e o Tirreno, a apenas quatro quilômetros do Passo Mercante.

Pelos dados da arqueologia, os três estavam articulados em um único sistema de vigilância e defesa. Em Contrada Palazzo, a 935 m anm, a instalação é claramente militar. A visibilidade estendia-se até o Tirreno, com perfeito controle da planície de Gioia Tauro, sobretudo a partir de uma torre. A posição do sítio também permite o controle do ribeirão Serre, que por ali passa. Foram encontrados inúmeros fragmentos de telhas e de beirais de telhados e muitos de cerâmica reaproveitada, semelhantes aos achados nas escavações em Lócris e comparáveis ao material de Monte Palizzi, na área do rio Halex, nos confins meridionais entre Régio e Lócris.

Em Bregartorto, posicionado a 937 metros acima do nível do mar e a apenas 800 metros de Contrada Palazzo, foi identificada uma estrutura

fortificada com achados de material grego datáveis a partir do século VI a.C. A técnica de construção dos muros pode ser comparada àquela das estruturas de Monte Palizzi.

Outros achados – ainda não publicados com pormenores – de frequência ou permanência grega entre o período arcaico e o clássico nas montanhas do Aspromonte parecem ser numerosos. Atualmente, toda a área coberta pelo Parco Nazionale dell’Aspromonte (que abrange todas essas montanhas da Calábria meridional e vai da altura do monte Limina até a área de Bova, como retrata a Fig 2) tem sido explorada por meio de caminhadas sistemáticas realizadas por Lino Licari, guia oficial do parque. com a ajuda de GPS e de um cartógrafo, Licari tem registrado um sem-número de materiais arqueológicos em termos sobretudo de cerâmica e de edificações. Foram registrados ao menos 31 instalações de pontos militares (frúria) entre Lócris e a planície de Gioia Tauro, permitindo a recuperação do traçado de vias de comunicação e de marcação de confins por parte de Lócris (Novoli 2018)<sup>10</sup>.

A circulação e a posterior instalação de assentamentos menos temporários em vários pontos das montanhas permitiram aos lócrios garantir e consolidar sua influência em uma vasta hinterlândia.

Com efeito, na segunda metade do século VII, Lócris funda a apoikia secundária Medma (atual Rosarno) às margens do rio Mesima, na fronteira norte da planície de Gioia Tauro, em contraposição a Metauros, localizada ao Sul da planície e onde os de Régio exerciam forte influência. Há referências a fundação de Medma tanto em Tucídides (5.5.3) quanto em Estrabão (6.1.5). Em fins do mesmo século, Lócris funda outra subapoikia, Hipónio (atual Vibo Valentia), mais ao Norte, no promontório do Poro.

Do ponto de vista da Arqueologia, o sítio de Medma foi identificado na moderna cidade de Rosarno e escavado desde o início do século XX (1912-1914) pelo arqueólogo italiano Paolo Orsi, que encontrou grande quantidade de

<sup>10</sup> Naturalmente, aguarda-se a publicação dos dados e mapas dessas rotas, tendo em vista que elas devem ter sido percorridas em épocas diferentes e que nem todos os caminhos podem ter sido frequentados por lócrios e régios no período que nos interessa.



material cerâmico em necrópole e em depósitos votivos, tal como restos de estruturas sagradas. Todo esse material se aproxima bastante do encontrado em Lócris, revelando o forte laço entre essa fundação secundária e sua metrópole. Na década de 1930, o sítio foi escavado por Paolo E. Arias, e a partir da década de 1960 por Salvatore Settis (Paoletti; Settis 1981).

Até onde vão os dados da Arqueologia, a fundação de Medma teria ocorrido em algum momento da segunda metade do século VII, talvez mais para o final (Paoletti 1981). Vestígios arqueológicos mais recentes, sobretudo vindos do Campo Sportivo, em Rosarno, permitem datar a fundação até a primeira metade daquele século, de acordo com Ianelli (2012). Esse novo assentamento estava posicionado em uma colina que se ergue sobre o rio Mesima, à margem esquerda, em um terraço chamado hoje de Pian della Vigna. É um terraço alto o suficiente para controlar todo o vale do rio até sua desembocadura no mar, além da parte norte da planície de Gioia Tauro, que era controlada pelos eubeus/calcídios de Régio e de Zancle que dominavam Metauros – situada ao Sul da planície, na desembocadura do rio Petrace (Florenzano 2022).

O ponto escolhido para a nova fundação é topograficamente muito estratégico. Na estreita faixa litorânea deveria haver, na antiguidade, condições de ancoragem, pois Estrabão menciona um porto nas vizinhanças, que se pensa que ficava situado na desembocadura do Mesima (6.1.5). O rio Mesima é o eixo fluvial mais importante da Calábria meridional; nasce no monte Cucco, a 958 metros acima do nível do mar, e tem mais ou menos 50 quilômetros de comprimento. sua bacia é de 707 quilômetros quadrados e muito rica em fontes de água (Schmiedt 1981). Segundo as pesquisas de Paoletti e Settis (1981) em Medma, os problemas atuais de erosão e de depósito aluvional no litoral devem camuflar que, na antiguidade, o relevo era menos áspero.

O posicionamento de Medma permitia, pois, tanto o controle do Tirreno quanto a entrada para a hinterlândia, além de contato relativamente direto com a metrópole, Lócris. oferecia ainda uma posição de controle de parte da planície, em contraposição a Metauros,

situada mais ao Sul, à margem do rio Petrace. A partir dessa época, a planície de Gioia Tauro fica totalmente sob controle de povos gregos.

Atualmente, o Museu Arqueológico de Rosarno (antiga Medma) está situado em pleno Pian della Vigna, ao lado do sítio. O fato de Medma estar sobreposta pela cidade moderna dificultou em boa medida a realização de trabalhos arqueológicos. Ainda assim, foi possível estabelecer razoavelmente a planta da cidade, relacionando as áreas sagradas, as áreas públicas, necrópoles e até algumas estruturas residenciais (Mollo 2018).

Outra área na face tirrênica da Península Itálica que, depois dos assentamentos em torno da planície de Gioia Tauro, merece nossa atenção é o promontório do monte Poro, onde os lócrios fundaram Hipónio. Esse promontório debruça-se sobre o Tirreno e é alto o suficiente para separar as duas grandes planícies da Calábria na região: a de Gioia Tauro e aquela ao Norte, de Sant’Eufemia Lamezia (onde hoje fica o aeroporto da região). É uma área de passagem, pois apesar de o monte Poro ser alto (entre 300 e 700 metros acima do nível do mar), é acessível por todos os lados por meio de vários terraços. Ali as terras são muito férteis, tendo em vista que é uma área muito irrigada (D’Andrea 2014).

É essa a área escolhida pelos lócrios para a fundação da apoikia secundária de Hipónio, hoje sobreposta pela cidade de Vibo Valentia. Hipónio ficava na margem Norte-oriental do promontório do Poro, a 15 quilômetros do mar. Tal como em Medma, a sobreposição pela cidade moderna impediu a exploração mais consistente dos vestígios de época grega (e romana). Entretanto, escavações na necrópole permitiram datar com segurança a fundação como do final do século VII a.C. (Ianelli 2012).

É interessante registrar que, nos enterramentos gregos, foram achados vários tipos de objetos da Idade do Bronze indígena, comprovando a ocupação ou ao menos a frequência dessa área antes da instalação dos gregos (D’Andrea 2014). Também em substratos da Idade do Ferro, em Hipónion, foram encontrados fragmentos de cerâmica calcídica, atestando a passagem dos eubeus por ali (D’Andrea 2014). É Montesanti (2007)

que afirma a existência de evidências materiais que comprovam a frequência grega no promontório do Poro antes da fundação de Hipônio, mas sem instalações permanentes.

As menções sobre Medma e Hipônio nas fontes escritas são esparsas e lacunosas, levando os historiadores a concluírem que ambas tinham atuação sobretudo local. Essas poucas menções analisadas à luz da Arqueologia permitem, no entanto, algumas considerações bastante interessantes.

Em primeiro lugar, deve ser destacado o forte relacionamento cultural e religioso entre a metrópole, Lócris, e essas duas

novas fundações. O culto de Perséfone, por exemplo, muito bem registrado em Lócris por meio de santuários e artefatos, também se mostra presente de forma muito intensa tanto em Medma quanto em Hipônio, onde os achados de estatuetas e oferendas são incontáveis, tanto no núcleo urbano quanto em pequenas localidades das respectivas *khórai* (Sapio 2012; Estrabão 6.1.5=256c). O mesmo também vale para o compartilhamento de tecnologias de fabricação de objetos de cerâmica e de artefatos de metal, como atestado pelo estudo metucioso de Meirano (2005).



Fig. 3A. Material arqueológico relacionado ao culto de Perséfone conservado no Museu de Rosarno.

Fig. 3B. Material arqueológico relacionado ao culto de Perséfone conservado no Museu de Vibo Valentia.

Fonte: Acervo pessoal (2015).

Para o tema deste texto, interessa chamar a atenção para a forma encontrada por Lócris para fortalecer-se diante de outras apoikias gregas e de indígenas, controlando a estreita passagem entre os mares Jônio e Tirreno. A Arqueologia revela como, durante os dois primeiros séculos após a fundação original, Lócris conseguiu instituir subapoikias e criar uma rede identitária entre o Jônio e o Tirreno abrangendo cultos e rituais religiosos, o que se expressava por meio de tecnologias de fabricação de objetos e de costumes funerários. A análise topográfica permite também afirmar que as *khórai* das três cidades – Lócris, Medma e Hipônio – eram praticamente contínuas.

Até ao menos o primeiro quartel do século V, sabe-se pelas fontes textuais e epigráficas que Lócris, Medma e Hipônio aliaram-se contra os assédios de outras pólis, como atestam as inscrições dedicatórias escavadas em Olímpia<sup>11</sup>. Sabe-se também que

11 As fontes escritas conservam a memória da famosa Batalha do rio Sagra (hoje identificado como o rio Tórbido ou como o Allaro), em que Crotona ataca Lócris em resposta à ajuda dada por Lócris à pólis de Siris, atacada e destruída por Crotona, Sibaris e Metaponto. A fonte escrita registra que Lócris, suas subcolônias no Tirreno, Medma, Hipônio e Régio uniram-se contra Crotona e obtiveram uma vitória inesperada (Estrabão 6.1.10). Ver também a análise de Montesanti (2007) sobre inscrição dedicatória em Olímpia. Essa batalha é datada normalmente entre 560 e 530 a.C. (D'Angelo 2010; Mollo 2018; Osanna 1992).

em 422 a.C., tanto Medma quanto Hipónio se rebelaram contra Lócris, tornando-se independentes (Tucídides 5.5.3). Na verdade, o último quartel do século V marca toda uma alteração geopolítica no Ocidente grego, com o acirramento das disputas entre púnicos e siceliotas e com as pretensões expressas por Atenas de firmar alianças com as pólis siceliotas

e do estreito. Lócris, nesse reequilíbrio de forças políticas, posicionou-se sempre ao lado de Siracusa, obtendo conquistas sobre novos territórios na Península Itálica, como a retomada de Medma e de Hipónio, de porções territoriais na *khóra* de Régio e de territórios de Caulônia e de Crotona. Porém, tal assunto foge do escopo desta pesquisa.

FLORENZANO, M.B.B. Territorial expansion of Lokris in Ancient Calabria: preliminary results. R. *Museu Arq. Etn.* 38: 12-24 2022.

**Abstract:** The Western Mediterranean, from the 8th century B.C., began to receive waves of Greek migrants willing to settle there permanently. Driven by the lack of agricultural land, by political instability in their places of origin, or even in search of a way of life linked to commercial activity, these groups, by force, had to establish relations with the inhabitants of the West. Founding settlements of various kinds – some more permanent, others more temporary –, the Greeks became partners with Sicilians, Sicels, Samnites, Phoenicians, Oenotrians, etc., establishing relationships that were often aggressive, but at other times of peaceful coexistence, accommodation, negotiation. In this context, a wave of migrants from Lokris in the Balkans arrived at the southern end of the Italian Peninsula, on the Ionian coast, and founded a new Lokris in the 7th century B.C.: Lokris Epizefiri. Coming across a very narrow coastal strip, these Lokrians soon ventured over the Aspromonte towards the Tyrrhenian Sea, where they founded two new settlements: Medma and Hiponion. This paper discusses what archaeology reveals about how these new polis on the Tyrrhenian plain were established, thus extending the Lokrian area of influence.

**Keywords:** Colonization; Lokris; Territorial expansion; Greek Calabria.

### Referências bibliográficas

- Barra Bagnasco, M. 1984. *Locri Epizefiri. Organizzazione dello spazio urbano e del territorio nel quadro della cultura della Grecia di Occidente.* Rotary International, Roma.
- Burgio, A. 2005. La viabilità in età greca in Calabria. In: Ghedini, F. *Lo stretto di Messina nell'antichità.* Quasar, Roma, 183189.
- Carter, J.C. 1994. Sanctuaries in the Chora of Metaponto. In: Alcock, S.E.; Osborne, R. (eds.). *Placing the Gods. Sanctuaries and sacred space in Ancient Greece.* Oxford University Press, Oxford, 161198.
- Cordano, F. 1986. *Antiche fondazione greche. Sicilia e Italia Meridionale.* Sallerio, Palermo.
- D'andrea, M. 2014. Tra due chorai: le poleis di Hipponion e Medma. Archeologia di um spazio di confine. In: Givigliano, G.P.; D'Andrea, M. (orgs.). *Insedimenti e paesaggi dalla Preistoria al Tardo antico sul Monte Poro.* Adhoc, Vibo Valentia, 55-64.

- D'Angelo, I. 2010. La politica espansionista di Locri Epizefirii fra il 477 e il 467 a.C. La versione locrese della conquista di Temesa (Strab. VI, 1,5 C255). *Polis* 3: 2734.
- D'Ercole, M.C. 2012. *Histoires Méditerranéennes. Aspects de la colonization grecque de l'Occident à la mer Noire (sécs. VIII-IV av. J.C.)*. Errance, Paris.
- Dominguez Monedero, A.J. 2014. Eubeos y locrios entre el Jonico y el Adriático. In: Breglia, L.; Moleti, A. (orgs.). *Hesperia, tradizione, rotte, paesaggi. Tekmeria* 16. Pandemos, Paestum, 189201.
- Fischer-Hansen, T.; Nielsen, T.H.; Ampolo, C. 2004. Italia and Kampania. In: Hansen, M.H.; Nielsen, T.H. *An inventory of Archaic and Classical poleis*. Oxford University Press, Oxford, 249320.
- Florenzano, M.B.B. 2018. A organização da khóra na Sicília grega sul-oriental: Siracusa diante de sua hinterlândia (733-598 a.C.). *Cadernos do Lepaarq* 15: 246282.
- Florenzano, M.B.B. 2019. Cidades gregas na Calábria Antiga: a configuração dos territórios de Lócris e Régio (sécs. VII-V a.C.). In: *Atas do II Congresso Internacional As Cidades na História: I Cidade Antiga*, 2019, Guimarães.
- Florenzano, M.B.B. 2022. A Calábria meridional e a expansão grega no mar Tirreno: Metauros entre a pré-colonização e a emporia (sec. VIII-VI a.). In: Porto, V.C.; Vasques, M. S.; Bastos, M.T. *Arqueologia Clássica no Brasil: reflexões sobre o Mediterrâneo antigo em homenagem a Maria Isabel D'Agostino Fleming. No prelo*.
- Givigliano, G.P. 1978. *Sistemi di comunicazione e topografia degli insediamenti di età greca nella Brettia*. Il Gruppo, Cosenza.
- Givigliano, G.P. 1994. Percorsi e strade. In: Settis, S. (org.). *Storia della Calabria Antica*. Vol. II. Gaugemi, Reggio Calabria, 241-362.
- Guzzo, P.G. 2011. *Fondazione Greche. L'Italia meridionale e la Sicilia (VIII e VII a.C.)*. Carocci, Roma.
- Ianelli, M.T. 2012. Hipponion, Medma e Caulonia. Nuove evidenze archeologiche a proposito delle fondazione. In: *Atti del 50o Convegno di Studi sulla Magna Grecia*, 2012, Taranto.
- Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia. 1977. Locri Epizefirii. In: *Atti del 16o Convegno di Studi sulla Magna Grecia*, 1976, Taranto.
- Malkin, I. 2016. Greek colonisation: The Right to Return. In: Donnellan, L. (ed.) *Conceptualising Early Colonisation*. Institut Historique de Rome, Bruxelles/Roma, 27-50.
- Meirano, V. 2005. Vasellame ed instrumentum metallico nelle aree sacre di Locri/Manella, Hipponion/Scrimbia, Medma/Calderazzo. Note preliminare. In: Nava, M.L.; Osanna, M. (Eds.). *Lo spazio del rito. Santuari e culti in Italia meridionale tra indigeni e greci*. Edipuglia, Florença, 4353.
- Mercuri, L. 2004. *Eubéens en Calabre à l'époque archaïque. Formes de contacts et d'implantation*. École Française de Rome, Roma.
- Mercuri, L. 2012. Calabria e l'area euboica. In: *Atti del 50o Convegno di Studi sulla Magna Grecia*, 2012, Taranto.
- Mollo, F. 2018. *Guida Archeologica della Calabria antica*. Rubbettino, Soveria Mannelli.
- Montesanti, A. 2007. *Hipponion: Vibo greca*. GB Editoria, Roma.
- Musti, D. 1977. Problemi della storia di Locri Epizefirii. In: *16° Convegno di Studi Sulla Magna Grecia*, 1976, Locri.
- Novoli, A. 2018. Scoperti 31 fortini greci fra Locri e il Tirreno. L'eccezionale ritrovamento in Aspromonte. Disponível em: <<https://bit.ly/3G1PIaD>>. Acesso em: 28/10/2020.

- Osanna, M. 1992. *Chorai coloniale di Taranto a Locri. Documentazione archeologiche e ricostruzione storica*. Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, Roma.
- Paoletti, M. 1981. Nota storica conclusiva. In: Paoletti, M.; Settis, S. *Medma e il suo territorio. Materiali per una carta archeologica*. De Donato, Bari, 145-150.
- Paoletti, M.; Settis, S. 1981. *Medma e il suo territorio. Materiali per una carta archeologica*. De Donato, Bari.
- Platão. Fédon. 2000. Introdução, versão do grego e notas de Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Brasília, Editora Universidade de Brasília.
- Raso, D. 1987. Tinnaria. antiche opere militare sullo Zomaro. *Calabria Sconosciuta* 37: 79102.
- Sabbione, C. 1977. Nota sul territorio di Locri. In: *16° Convegno di Studi Sulla Magna Grecia*, 1976, 363-373.
- Sabbione, C. 1982. Le aree di colonizzazione di Crotona e Locri Epizefiri nel VIII-VII sec. a.C. *ASAtene* 60: 251299.
- Sapio, G. 2012. *Divinità e territorio. Santuari "demetriaci" tra Locri e Medma*. Città del Sole, Reggio di Calabria.
- Schmiedt, G. 1981. Ricostruzione geotopografica di Medma. In: M. Paoletti e S. Settis *Medma e il suo territorio. Materiali per una carta archeologica*. De Donato, Bari, 23-47.
- Settis, S. 1972. Nuove note medmee. *Klearchos* 5356: 2975.
- Strabo. 1924. *The geography of Strabo* (ed. H. L. Jones). Harvard University Press, Cambridge, 1924.
- Tucidides. 1982. *História da Guerra do Peloponeso*. Tradução Mário da Gama Kury. Brasília, Editora da Universidade de Brasília.
- Visonà, P. 2016. Controlling the chora. Topographical investigation in the territory of Locri Epizephyrii (southeastern Calabria, Italy) in 2013-2015. Disponível em: <<https://bit.ly/3r5szjw>>. Acesso em: 23/1/2020.
- Will, E. 1955. *Korinthiaka. Recherches sur l'histoire et la civilization de Corinthe*. De Boccard, Paris.